

HERMANN HESSE

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA

As agências telegráficas internacionais lançaram ao mundo a notícia de que o Prémio Nobel em Literatura tinha sido concedido ao escritor alemão Hermann Hesse, que, desde a Primeira Guerra Mundial, vive voluntariamente exilado na Suíça, na casa de que os leitores dos seus livros conhecem a descrição, e situada na região do Tessino. A notícia, como tantas outras, pode parecer banal, mas todos sabem que o não é, e que terá por efeito visível, dentro em breve, o aparecimento em tradução das obras mais famosas do grande escritor e artista.

Quando pela primeira vez, há cerca de dez anos, entrámos surpresos na obra de Hesse, achámos estranho que nenhum dos seus livros tivesse sido ainda traduzido e o seu nome permanecesse quase desconhecido para os apreciadores da boa literatura a quem o alemão está vedado. E lembramo-nos ainda bem que, quando da primeira visita a Portugal, entre as coisas surpreendentes e novas que em longas conversas comunicávamos aos amigos curiosos das peripécias do mundo, o nome de Hesse e o conteúdo de alguns dos seus romances tomavam parte importante.

A obra do escritor é vasta e o tratamento da sua temática, apesar de polifónica, pode concentrar-se no aprofundamento compreensivo do trânsito, sempre maravilhoso e fecundo, da adolescência para a juventude. O escritor, que antes da Primeira Guerra Mundial dera a volta ao mundo e se demorara principalmente na Índia, onde vivera asceticamente, soube das suas experiências transportar para os livros não o ambiente folclórico ou descritivo da viagem, mas, especialmente e sobretudo, uma romântica compreensão do espírito do homem em luta com a natureza, da oposição sempre presente entre o luminoso e o obscuro na tessitura da vida anímica, dos anseios do bem e sentido do mal, do telúrico e do celeste, com o interesse fundo de ver a vida como ela é no processo invisível da sua formação.

Por motivos de natureza política, Hermann Hesse não tinha, na Alemanha dos últimos anos, uma geral aceitação, mas grande número dos seus admiradores,

em resistência, continuavam fiéis ao culto da sua arte como mensagem de humanização. Recordo-me que, numa reunião de artistas e escritores na Casa da Imprensa, em Berlim, alguém, célebre mundialmente como escultor, se abeirou de nós com o intuito talvez curioso de falar com um português sobre coisas de interesse comum. Festejava-se nessa reunião um escritor celebrado por um prémio político e que, pouco antes, tinha acabado de ler páginas inéditas de um romance em preparação.

Explica-se, pois, que após a primeira troca de impressões, nos fosse feita a pergunta: quem julga ser o maior romancista alemão da actualidade? A resposta, um pouco timidamente expressa, por motivos fáceis de compreender, foi apenas: Hermann Hesse. Quando tal ouviu, o nosso interlocutor, visivelmente emocionado, tomou-nos o braço e, dirigindo-se ao criado, ordenou: «Champagne, bitte!». Ficámos algumas horas a um canto da sala trocando impressões e a enaltecermos, em admiração comum, esse homem extraordinário de quem não convinha falar-se abertamente. O nosso interlocutor tinha sido companheiro de estudo e tão próximo amigo do artista que este, num dos seus livros, o tinha feito personagem principal.

A conversa continuou cheia de encanto, e de muitas figuras romanescas ficámos conhecendo o suporte real, sem que, no entanto, o ambiente de fantasia em nada perdesse e a admiração pelo artista diminuísse. Pelo contrário, a sua obra tornou-se-nos tão próxima e tão influente, em certos aspectos, que os admiradores de Hesse, que depois conheci em grande número, se tornaram os melhores amigos que deixei em Berlim, alguns dos quais, também estrangeiros, estão dando à cultura das suas pátrias contribuições fecundadas num intensíssimo convívio intelectual e se estão notabilizando em França, na Itália, na Suíça, na Roménia, em Espanha, etc..

Mais tarde, quando soou a hora da dispersão, voltámo-nos todos a encontrar em despedida, já saudosos das horas que sabíamos não voltarem mais. Uma surpresa me esperava. Na volta tinha planeado passar pela Suíça. Hesse, a quem tinham participado o caso, apressara-se a convidar-me a passar alguns dias na sua casa do Tessino, curioso de conhecer um português que, por gentileza para mim, lhe tinham dito conhecer e amar profundamente a sua obra. A confusão das horas de viagem altera sempre os planos agradáveis, e não pude visitá-lo. O telégrafo encarregou-se agora de comunicar que é Hesse que, dentro em breve, pelos seus livros, visitará Portugal, onde, em previsão segura, terá muitos admiradores, quando entre nós se puder ler *O Lobo das Estepes* e *Siddhartha*, os dois pólos opostos na admirável obra desse extraordinário escritor...